



## GUERRA NO MÉDIO ORIENTE

**Guerra** Israel mantém ataques aéreos contra o sul do Líbano depois de ter rejeitado proposta de cessar-fogo dos Estados Unidos e de França

# Invadir o Líbano é aposta de risco

ANA FRANÇA, CATARINA MALDONADO VASCONCELOS e SALOMÉ FERNANDES

“Não vai haver cessar-fogo a norte.” O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Israel Katz, desfez, com esta frase que não deixa espaço a segundas interpretações, a proposta de uma trégua no Líbano, onde os combates entre as forças israelitas e a milícia libanesa do Hezbollah se têm intensificado na última semana.

Os diplomatas envolvidos nesse esforço (cerca de uma dúzia de países, entre eles França, Estados Unidos e nações árabes) não gostaram do que ouviram, escreve o “Times of Israel”. “Parece um ataque deliberado às negociações”, comentou ao jornal um dos envolvidos nas conversações. Katz não teria feito este comentário sem falar com quem decide se a guerra continua: o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que já secundou a nega. Israel está a lutar “com plena força” contra o Hezbollah, assegura o seu gabinete, em comunicado. Na madrugada de quarta-feira, os ataques aéreos israelitas prosseguiram e, na manhã de quinta-feira, o sul de Beirute voltou a ser atingido com “ataques de precisão”, informa Israel. As autoridades libanesas dizem que morreram mais de 500 pessoas em apenas uma semana.

## Escalada ou bluff (para já)?

Com o Governo israelita a afastar a possibilidade de cessar-fogo, Tiago André Lopes, professor de relações internacionais da Universidade Lusíada do Porto, observa ao Expresso que a escalada para um conflito regional “é altamente provável”. A apoiar esta probabilidade estão a “mobilização de tropas de Israel para o norte de Israel, às portas do Líbano”, e a indicação do ministro de Defesa israelita “de intensificação dos ataques e de uma vontade de pacificar a situação por via do uso de forças terrestres”.

As Forças de Defesa de Israel (IDF) realizaram, quinta-feira, manobras de treino que os jornais israelitas descreveram como “simulações de incursão”, mas o investigador Michael Young, do Instituto Carnegie de Beirute, não está certo de que uma invasão seja a melhor opção para Israel. “Usar a Força Aérea parece mais do que suficiente. Já se envolveram bastante, fizeram fortes ataques

contra o Hezbollah e a população xiita, estão a destruir os armazéns de armamento. Porque haviam de arriscar uma guerra terrestre com todas as incertezas que a acompanham?”

O Hezbollah, explica Young ao Expresso a partir da capital libanesa, “estaria a lutar contra Israel no sul do Líbano, onde, naturalmente, está familiarizado com o terreno”. Acresce que Israel teria “menos flexibilidade para utilizar a força aérea, uma vez que os dois exércitos estariam demasiado perto um do outro”. Outro fator que pode dificultar a ação de Israel é a rede de túneis que a milícia libanesa utiliza, como em Gaza, para levar armas para pontos no terreno a partir dos quais possa conseguir cercar ou preparar emboscadas ao inimigo.

O maior ganho para o Hezbollah pode mesmo vir a ser simbólico. “Em termos de imagem, pode ser benéfico: em caso de invasão, o Hezbollah passaria a ser a força que defende solo libanês de uma força estrangeira, e isso mudaria a ideia generalizada de que Israel se infiltra nas suas fileiras e o tornou vulnerável.” Uma incursão pode “transformar por completo a imagem do Hezbollah numa verdadeira força de resistência”.

Tiago André Lopes classifica a possibilidade de cessar-fogo como provável “excesso de confiança das chancelarias ocidentais” e descreve a desconfiança entre o Hezbollah e Israel como maior entrave à pausa de 21 dias que foi proposta. Esta alarga-se à UNIFIL, a missão da ONU para o Líbano. “Desde que este conflito começou, a 8 de outubro, e quando se intensificou entre Israel e o Líbano, a UNIFIL tem feito muito pouco.” Apesar de não terem iniciativa de combate, o académico defende que “num caso de alastramento de violência e com aumento dos disparos a partir de posições do Hezbollah, os capacetes-azuis poderiam e deveriam ter agido para preservar a paz”. Nomeadamente, pressionando o Hezbollah a desmilitarizar-se, sem combates diretos.

De uma perspetiva diplomática, o académico aponta que a proposta

não contava com o apoio da Jordânia e do Egito, que fazem fronteira com Israel. Em conjunto com o Iraque, alertaram recentemente que o futuro de Gaza anda a par com o do Líbano.

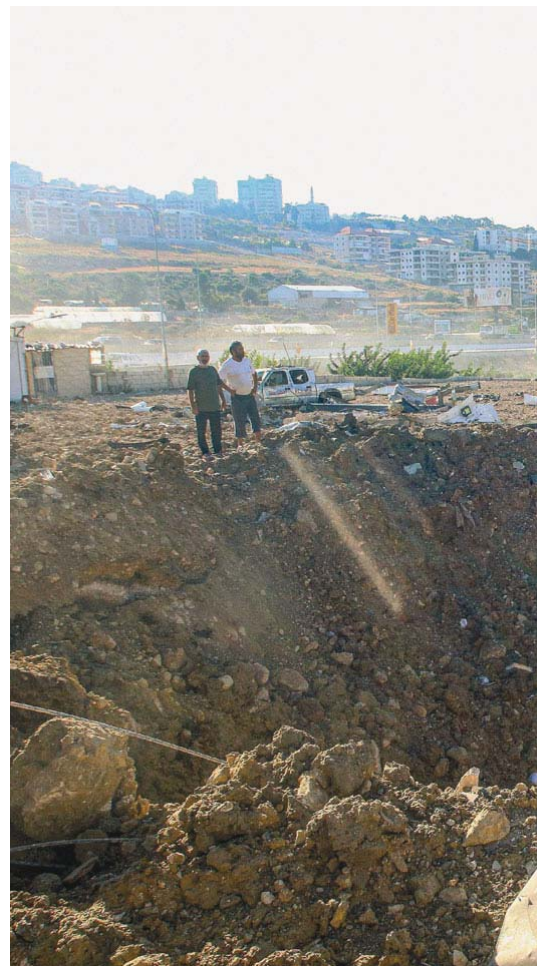
## As motivações de Netanyahu

Oficialmente, como afirmou o ministro Katz, Israel quer que os seus habitantes regressem ao norte, onde viviam antes do 7 de outubro. A operação em curso contra o Hezbollah visa “pôr fim aos ataques do grupo xiita libanês a Israel, de modo a permitir que as dezenas de milhares de israelitas deslocados das suas casas no norte, desde outubro de 2023, possam voltar para lá em segurança”, explica ao Expresso Yuval Shany, professor de Direito Internacional na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Essa circunstância aumentaria a popularidade das hostilidades, pelo menos para já. “Há muito apoio público à guerra no norte”, observa, em declarações ao Expresso, John Strawson, perito em Estudos do Médio Oriente, e, em concreto, no conflito israelo-palestino, que leciona na University of East London. “A principal questão para Netanyahu é se resistirá à esta nova pressão diplomática internacional”, acrescenta Strawson.

Ainda que a rejeição por Netanyahu da proposta apoiada pelos Estados Unidos e pela França, assente nas preocupações sobre a possibilidade de o Hezbollah ganhar tempo para se reagrupar, as motivações do primeiro-ministro israelita vão além do cálculo de forças. “A proposta pode ter sido vista como forma de permitir ao Hezbollah recuperar dos recentes ataques aéreos israelitas e, potencialmente, rearmar-se, prolongando assim o conflito”, admite ao Expresso Yusuf Can, coordenador do programa do Médio Oriente do Wilson Center. “Após o 7 de outubro, a abordagem de Israel tem sido de dissuasão máxima, em que qualquer pausa poderia devolver Israel a um impasse pré-7 de outubro, que se revelou insustentável. Netanyahu, provavelmente receoso de parecer fraco, tanto para o público interno como para a sua coligação, está empenhado em continuar as operações militares para garantir que o Hezbollah se mantenha debilitado.”

Ao continuar estes ataques, Netanyahu pode esperar impor ao Hezbollah uma posição em que a sua capacidade operacional seja significativamente diminuída, “limitando o seu poder de ameaça a Israel no futuro”, sobretudo porque muitas das



suas “figuras importantes na cadeia de comando” foram mortas. As motivações políticas do governante israelita são realçadas ao Expresso por Elizabeth Shakman Hurd, analista de ciência política na Northwestern University, em Illinois “A sua única esperança de se manter no poder e evitar a censura e o fim da sua carreira política é continuar a guerra. E assim fará. É puro interesse próprio. Enfrenta imensa oposição no país e no estrangeiro, e não há saída.”

## Quem traz Israel à mesa?

A resposta é sempre a mesma: os Estados Unidos. Young não está certo, porém, que seja o momento indicado para uma intervenção mais musculada, devido ao calendário eleitoral. “Claro que os Estados Unidos podem fazer algo: reduzir em grande número as armas que enviam para Israel. A partir desse momento, Israel vai passar a ouvir. O problema é que a administração Biden não quer entrar num confronto com os israelitas tão perto das eleições americanas, porque Israel pode reagir mobilizando as pessoas contra o Partido Democrata. A menos que a Administração Biden limite as armas, nada acontecerá. E Netanyahu sabe isso”, diz. Por outro lado, Donald Trump pode retirar dividendos da paralisação. “Se a guerra no Líbano se estender à região, pode ser muito prejudicial para Kamala Harris, porque permitiria que Trump dissesse: ‘Olha, com os democratas, só se consegue guerra, guerra, guerra, na Ucrânia, no Médio Oriente. Nós não queremos guerra’”.

afranca@expresso.imprensa.pt

## Líderes mundiais criticam Israel na Assembleia-Geral da ONU

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, afirmou durante uma reunião de urgência do Conselho de Segurança, quarta-feira em Nova Iorque, que “o inferno está à solta no Líbano” e que o mundo tem de “se alarmar com a escalada” da guerra entre Israel e a milícia libanesa do Hezbollah. As guerras de Israel — em Gaza e agora a ameaça de incursão terrestre no Líbano — ocuparam boa parte dos discursos na 79ª Assembleia-Geral da ONU, ainda que alguns tenham sido mais duros do que outros. De braços abertos, o Presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, dirigiu-se à sala: “De que estão à espera para evitar o genocídio em Gaza, para pôr fim a esta crueldade, a esta barbárie? De que estão à espera para deter Netanyahu e a sua rede de assassinos em massa, que põem em perigo a vida do povo palestino?” Muitos dirigentes apelaram ao desbloqueio do Conselho de Segurança, onde Rússia e Estados Unidos, com direito a veto, estão em lados opostos e anulam qualquer entendimento em questões, por exemplo, de cessar-fogo.



Cratera provocada por um ataque aéreo israelita em Jijeh, no caminho entre Beirute e a cidade de Sidon, no sul do Líbano  
FOTO MAHMOUD ZAYYAT/AFP/GETTY IMAGES

## O “Partido de Deus” que mede forças com Israel

### O que é o Hezbollah?

O Hezbollah — cujo nome significa “Partido de Deus” — é uma organização militar e um partido político do Líbano. Foi criado no início dos anos 80, durante a guerra civil libanesa, com o objetivo de combater forças israelitas que invadiram o país. Em 1992, o Hezbollah participou pela primeira vez em eleições nacionais, conquistando oito assentos parlamentares, recorda o *think tank* Council on Foreign Relations. Foi no mesmo ano em que a embaixada israelita em Buenos Aires foi bombardeada num ataque atribuído ao Hezbollah. A ligação a atentados no passado valeu-lhe a classificação como grupo terrorista na lista do Departamento de Estado americano, a 8 de outubro de 1997.

A nível doméstico, assume um papel político e social. O Hezbollah mantém representação no Parlamento, apesar de o movimento e os seus aliados terem perdido a maioria nas eleições de 2022. Segundo The Washington Institute, nas regiões controladas pelo grupo, este assegura serviços sociais, emprego e apoio social aos seus apoiantes.

### Qual a posição da UE?

Após um período em que a União Europeia (UE) se recusou a incluir o Hezbollah na lista de organizações terroristas, em 2013 mudou a classificação da ala militar do partido. Ficou, assim, integrada numa lista de pessoas, grupos e entidades envolvidas em atos terroristas e sujeitos a medidas restritivas, criada no seguimento dos atentados de 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos. Em 2020, questionado sobre o motivo da distinção entre “ala militar” e “movimento político” do Hezbollah, o vice-presidente da Comissão Europeia Josep Borrell argumentou com o envolvimento da UE num “diálogo construtivo com todos os partidos políticos presentes no país” e o apoio a que o Líbano fortaleça as suas instituições, com “agências de segurança estatais e as Forças Armadas do Líbano como únicos atores de segurança”.

Qual é a dimensão das suas forças? Em 2021, o secretário-geral do partido, Hassan Nasrallah, afirmou que o Hezbollah contava com 100 mil soldados treinados. Não é possível verificar, mas há quem aponte estimativas mais conservadoras. “The World Factbook”, da CIA,

estima que este ano (entre pessoal a tempo inteiro e de reserva), o Hezbollah tenha nas suas fileiras 50 mil soldados. Ao nível do armamento, calcula que as forças do grupo possuam equipamento como armas pequenas, dispositivos explosivos improvisados, artilharia e drones, bem como 150 mil mísseis e *rockets* com diferentes alcances. E 2021, o Center for Strategic and International Studies descreveu o Hezbollah como o ator não-estatal mais armado do mundo.

### Qual a relação com Israel?

O Council on Foreign Relations descreve que o movimento xiita libanês ganhou a reputação de ser “um Estado dentro de um Estado” e que tem “alianças militares profundas com regimes repressivos anti-Israel, no Irão e na Síria”. O Hezbollah integra — a par de outros países e grupos armados, como a Síria e o Hamas — uma coligação informal designada por “eixo de resistência”, que se opõe a Israel e à influência dos Estados Unidos no Médio Oriente.

O grupo esteve em guerra com Israel em 2006 e as tensões com o país vizinho voltaram a agravar-se com a guerra na Faixa de Gaza, desde o ano passado. Na primeira intervenção pública do líder do Hezbollah, após o ataque lançado pelo Hamas a Israel, Sayyed Hassan Nasrallah afirmou que era “uma possibilidade realista” o conflito escalar para uma guerra total.

Depois das explosões de dispositivos usados por membros do Hezbollah e civis (*paggers* e *walkie-talkies*), que causaram 37 mortos e mais de três mil feridos, Israel lançou esta semana ataques aéreos intensos contra o Líbano que causaram centenas de mortos.

### Quem financia o Hezbollah?

O relatório sobre terrorismo de 2022 do Departamento de Estado americano aponta o Irão como principal financiador do Hezbollah, a par da prestação de formação, armamento e apoio político e diplomático. “O financiamento anual do Irão para apoiar o Hezbollah — que foi estimado em centenas de milhões de dólares anuais — representa a esmagadora maioria do orçamento anual do grupo”, acusa. Além disso, Washington indica que o movimento extremista recebe financiamento privado através da diáspora libanesa, parte do qual provém de atividades ilegais. No instituto americano Foundation for Defense of Democracies, Emanuele Ottolenghi apontou que o Hezbollah beneficia de receitas resultantes de atividades criminosas, como tráfico de droga e contrabando de armas. SALOMÉ FERNANDES sfernandes@expresso.imprensa.pt

## Ataque com *paggers* e *walkie-talkies* foi antecipado ou premeditado?

A explosão de aparelhos de comunicação foi um erro “provável” de Israel ou “o início de uma nova escalada de tensões”?

É habitual Israel não reclamar ações clandestinas da Mossad (serviços secretos), mas a pouca informação sobre o ataque com *paggers* e *walkie-talkies*, no Líbano, levantou dúvidas sobre o momento em que ocorreu: porquê agora?

Vários jornais internacionais, de “The Washington Post” a “Al-Monitor”, esboçaram cenários — o mais consensual é que Israel estava com receio de que o Hezbollah suspeitasse das armadilhas nos aparelhos de comunicação e, por esse motivo, decidiu precipitar o ataque. Segundo o *site* de notícias independente pan-árabe, dois membros do grupo islamita apoiado pelo Irão descobriram o plano da Mossad e conseguiram desarmar uma das bombas escondidas nos *paggers*, enquanto outra explodiu.

Um antigo funcionário israelita com conhecimento da operação, citado pelo jornal digital americano “Axios”,

adianta que “os serviços secretos planeavam utilizar os *paggers*-bombas para o lançamento-surpresa de uma guerra total destinada a paralisar o Hezbollah”, mas, temendo que a milícia descobrisse, anteciparam o ataque. Um responsável americano acrescentou que “foi um momento de pegar ou largar”.

Para Bruno Cardoso Reis essa teoria “faz sentido e é a resposta mais provável: usar antes de se perder a possibilidade de o fazer”. No entanto, afirma o especialista em segurança internacional, não deixa de ser especulação — há outros cenários possíveis. “Com a situação aparentemente mais controlada em Gaza, uma alternativa seria o Governo de Israel ter decidido aumentar a pressão sobre o Hezbollah para conseguir travar os ataques ao Norte do país e responder às crescentes críticas dos israelitas forçados a sair de lá há um ano.”

Já Maria João Tomás, especialista na região do Médio Oriente, discorda das teorias segundo as quais o ataque foi um percalço não premeditado. “Numa altura em que se fala de invasão terrestre do Líbano [pelas forças israeli-

tas], o *timing* foi ideal, porque provocou o Hezbollah e o Irão e enfraqueceu o Hezbollah. Não há coincidências e o momento em que aconteceu já foi decisivo. É o início de uma nova escalada de tensões”, sublinha a professora do ISCTE.

### “Desrespeito pelo direito à vida e pelas leis”

O direito humanitário internacional proíbe ataques indiscriminados que não distingam entre civis e alvos militares. Mesmo que visasse objetivos militares, a detonação simultânea de milhares de engenhos sem ser possível determinar a sua localização

### Utilizar objetos do quotidiano para efetuar ataques pode ser um crime de guerra punível

exata ou a quem pertenciam no momento do ataque, “demonstra flagrante desrespeito pelo direito à vida e pelas leis dos conflitos armados”, alertou a diretora-adjunta da Amnistia Internacional para o Médio Oriente e o Norte de África, Aya Majzoub.

Mais grave é o facto de terem sido usados engenhos explosivos em aparelhos de telecomunicações — ou seja, objetos do quotidiano —, o que também pode configurar um crime de guerra, aponta Maria João Tomás. “Estamos a falar de ataques que põem em causa Israel”, logo não é de estranhar que não tenham confirmado o envolvimento nas explosões de terça e quarta-feira da semana passada, no Líbano, que fizeram cerca de 40 mortos e três mil feridos.

Cardoso Reis lembra também que “muitas vezes Israel não confirma nem reclama ações clandestinas da Mossad”. “Geralmente não é necessário”, apesar de “aumentar a incerteza e tornar mais difícil a retaliação”, neste caso para a milícia libanesa, sustenta o historiador.

MARA TRIBUNA

mtribuna@expresso.imprensa.pt

ID: 113326865

27-09-2024

ISRAEL  
REJEITA  
CESSAR-FOGO  
NO LÍBANO:  
INVASÃO  
PERIGOSA  
À VISTA

P26